



O Nascimento de Nena: comentário acerca do romance de Amaira Moira, “Neca”

(*The Birth of Nena: a commentary on Amaira Moira's novel, “Neca”*)

(*El nacimiento de Nena: un comentario sobre la novela de Amaira Moira, “Neca”*)

Carlos Henrique de Lucas¹

Livro resenhado: MOIRA, Amara. *Neca*: Romance em bajubá. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

Poderia começar de diversas formas. Abordar inúmeros pontos, interessantíssimas sendas, caminhos bifurcados. Chaves de leitura tantas. Todas a capturar alguma beesha travesti, tal qual a Noitchy que a quase todas agracia com as suas trevas encantadas... pois o livro de Amaira, estou seguro, isso possibilita. Mas opto por tomar a Nena como conceito-chave orientador da leitura do romance, um Grytto, registro já, de Amaira Moira. E, em um desaforo, quem sabe talvez melhor fosse chamar-se Nena ao invés de Neca, o Pajubáryo que nos é proposto por Moira.

Amara Moira, em sua obra *Neca*, não apenas nos oferece uma narrativa literária, mas cria uma intervenção radical no campo das linguagens e das performances de corpos dissidentes. E sim: corpos. Que nada tem a ver essa palavra com modismos acadêmicos pós-estruturais, mas sim que tem ela relação com a materialidade mesma da carne hormonizada, da *encorpação*. Veja, aqui, que carne e texto, no livro de Moira, são uma só coisa. Palavra-sangue. Carne prene de sentidos.

Escrito em pajubá, o romance desafia qualquer pretensão de ser compreendido por aquelas pessoas que não compartilham dessa linguagem, reivindicando uma posição insurgente e subversiva que recusa a tradução e a explicação, como bem provoca a Beesha Vidarte. Moira, ao criar uma travesti protagonista cuja vida se desenrola no limiar da marginalidade, nos convoca a acompanhar uma realidade que desafia as normas e os sistemas de governação da vida que tentam apagar a existência desses corpos - de nossos corpos e corpos - e subjetividades.

¹ Doutor em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais (PPGCHS/UFOB). E-mail: carlos.lucas@ufob.edu.br



Neca é uma obra que transforma aquilo que é considerado “merda” em algo vital e potente, um processo de transformação que dialoga diretamente com a noção de Nena, elemento central nas linguagens pajubeyras e que simboliza a sujeira transformada em vida.

A escolha do pajubá como linguagem dominante é, por si só, um gesto de insubmissão às regras do que se convencionou como uma narrativa “literária” ou discursivamente acessível. E essa é uma senda outra de análise da obra. Os textos literários canônicos, na boca da beesha travesti, estão todos ali devorados, antropofagizados e, depois, cagados em *Nena* por ela. A partir da recusa da interpretação normativa das obras literárias, a personagem-cria de Amara Moira produz um espaço narrativo que resiste à interpretação tradicional, como antes dizia, em que os signos de poder que buscam submeter os corpos dissidentes são desafiados pela própria estrutura linguística da obra.

O pajubá, como defendo em *Linguagens Pajubeyras* (2017), “é muito mais do que um repertório vocabular de travestis e certas bichas afeminadas”; são elas, as linguagens pajubeyras, uma reconfiguração da própria língua/linguagem para que ela sirva como arma de re(ex)sistência (Lucas, 2017, p. 19). Uma verdadeira *máquina de guerra*, se quisermos fazer coro à magnífica Monique Wittig (2006). Moira traduz esse potencial no romance, oferecendo-nos uma protagonista que não busca compaixão, mas que, como Nena, desafia as categorias e normas impostas, recusando-se a ser controlada pela gramática cisheteronormativa do que é aceitável. Do que é possível. Daquilo que é viável. Vivível.

A figura de **Nena**, central à obra, no meu entender, é símbolo desse desafio. Nas linguagens pajubeyras, **Nena** significa “merda”, mas, em “Neca”, ela é transformada em algo vivo, que se recusa a ser jogado no esgoto e esquecido. Uma chuca do existir. Como no trecho em que, do Edy de uma *cacura* nasce uma belíssima nenita. Vejamos o trecho:

E, quer saber, já que descambou pro escabroso outra vez, vou te contar logo o fim daquela cacura, em Roma. Mas respira, mas se prepara. Já si vede la testa, já si vede la testa, lembra que ela dizia? Deitada na cama, a camisolona de hospital com o suor ensopada, e eu sem saber se era tesão ou tensão, até descobrir que era métzo a métzo, era mesmo os dois. Menina, ele não enfiou uma boneca dessas tamanho real inteira dentro do próprio edí? Foi! Queria sentir como seria um parto, aí cabeça, ombro meio que já saindo, quando a boneca empaca e, empapando a cama, veio a lambança toda.

A transgressão aqui é clara: **Nena** surge como o que a sociedade considera o mais abjeto, mas Moira a faz renascer com força e, diria eu, até mesmo beleza, por meio de um deboche que desafia as tentativas de apagamento. Mesmo que na gongação da cacura que dá à luz uma *bambola*. Como eu disse no livro já mencionado: “Há beeshas que dizem que a Nena nasce lyenda. Chegaria adulta, de olhos abertos, fome na boca, mas nunca triste. Taí uma coisa que a Nena não é, triste.



A Nena não chora, a Nena sorri”. E diria eu agora: a Nena debocha. Ela xoxa. Ela é abusada e gongativa.

Esse sorriso, essa ironia e gongação, resumem o espírito do romance. Ele não se contenta em descrever a violência e a marginalização sofridas pelas travestis, o que seria mais jornalismo que literatura, mas celebra uma reviravolta criativa, um “renascimento” daquilo que o regime cisheteronormativo tenta apagar. Nena, com sua força e vitalidade, emerge como um corpo insurgente, recusando o lugar de vítima passiva. O que temos é uma obra que “se presta para nos mostrar que o projeto político pajubeyro liga-se estreitamente a uma violenta paródia” (De Lucas, 2017, p. 135), uma paródia que não só desmascara a normatividade, mas também inverte seus valores, devolvendo àquilo que é considerado abjeto o seu potencial de transformação e resistência.

O conceito de Nena, enquanto transformação performativa da merda em vida, conecta-se diretamente à ideia de re(ex)sistência cultural que entendo fazer o romance. Ele afirma que o pajubá, ou as linguagens pajubeyras como prefiro, não são apenas um vocabulário, mas um campo discursivo de resistência, subversão e criação (literária), em que corpos dissidentes se encontram e se afirmam. Em *Neca*, Amara Moira leva essa ideia ao extremo, utilizando o pajubá para construir um universo em que a marginalidade não é apenas um lugar de sofrimento, mas também de potência criativa.

Moira desafia as convenções não apenas por meio da linguagem, mas também na maneira como constrói sua personagem principal. A protagonista de *Neca* vive em um mundo marcado pela violência e pelo estigma, mas não se deixa definir por essas condições. Ela navega pelas ruas, pelos quartos, pelos encontros sexuais com uma consciência aguda de seu lugar no mundo, mas também com um senso de humor afiado, uma fexação que desconcerta e desafia.

A partir disso, podemos compreender que *Neca* não é apenas um romance sobre uma travesti que sobrevive à marginalidade e que lança mão de palavras engraçadas. É uma obra que questiona as próprias bases da compreensão e da representatividade, ao mobilizar o pajubá não como ferramenta de registro da exclusão, mas de construção de novas subjetividades. Formas de vida, estranhas, quem sabe, as quais, conforme Paco Vidarte escreve em *Ética Marica*, não possuem compromisso de “traduzir [o que falamos] a sua linguagem, para que se inteirem sobre o que fazemos ou deixamos de fazer” (Vidarte, 2007, p. 70). Moira também não tem a intenção de explicar ou traduzir sua narrativa. Ela nos apresenta o pajubá como um idioma que, mais do que comunicar, cria realidades próprias e desafia a pessoa leitora a aceitar essa lógica sem a necessidade de mediadores(as) ou tradutores(as).

O sorriso de Nena, ao longo de *Neca*, ecoa o desafio que Vidarte coloca à normatividade.



Ao invés de um pedido de compreensão ou aceitação, temos um riso subversivo que afirma: não é nossa tarefa traduzir, mas sim existir. Moira, ao construir seu romance sem concessões, coloca a linguagem do lado da existência, recusando-se a se adaptar às expectativas literárias ou sociais. O pajubá, conforme argumento, “não produz sujeitos que esperam ser reconhecidos; ele cria novas formas de existir” (Lucas, 2017, p. 25). E é exatamente isso que “Neca” faz: através da linguagem e da performance, Moira nos apresenta uma travesti que não apenas existe, mas que reconfigura o espaço ao seu redor, desafiando qualquer tentativa de controle ou apagamento.

Em última análise, *Neca* é uma celebração da sobrevivência ativa, desafiadora. A obra transforma o que é descartado em algo vivo e irrefreável. *Neca*, ao contrário do que a sociedade espera, não é triste, não é derrotada. Como eu disse em outro momento: “Quando penso na ideia de ‘nascimento’ para a nena, imagino que, metaforicamente, nós mesmos [...] nos humanizamos – tornando-nos relevantes – é dizer, uma merda com vida” (Lucas, 2017, p. 136). A “merda com vida” é o símbolo perfeito para o que o romance de Moira nos apresenta: uma existência que se recusa a ser eliminada, que transforma o abjeto em resistência e cria novas formas de vida.

Dessa forma, o romance *Neca* de Amara Moira torna-se um belíssimo texto de existência não apenas através de seu conteúdo, mas em sua própria forma. Moira, ao utilizar o pajubá, reivindica uma linguagem que não se submete às regras e, ao fazer isso, cria um espaço onde a sobrevivência beesha travesti não é apenas uma questão de resistência passiva, mas de transformação ativa. E daí a ideia de *existência*. *Neca*, como Nena, não é descartável. Ela nasce, sorri, gonga e desafia – e é exatamente nesse sorriso subversivo e xoador que encontramos a essência do que significa existir nas margens, criando novas possibilidades de vida e de poderosas linguagens literárias.

Referências

LUCAS LIMA, Carlos Henrique. *Linguagens Pajubeyras: Re(ex) sistência cultural e subversão da heteronormatividade* / Carlos Henrique Lucas Lima. 1a ed. / Salvador, BA: Editora Devires, 2017.

MOIRA, Amara. *Neca: Romance em bajubá*. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

VIDARTE, Paco. *Ética marica: proclamas libertarias para una militancia LGBTQ*. Barcelona-Madrid: Editorial Egales, 2007.

WITTIG, Monique. *El pensamiento heterosexual y outros ensayos*. Barcelona/Madrid: Editorial Egales, 2006. Disponível em: <http://www.iaphitalia.org/wp-content/uploads/2015/07/Monique-Wittig-Las-Guerrilleras-1.pdf>

